

**AS MARCAS DA HETEROGLOSSIA NA LITERATURA SURDA EM
QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA OBRA *TRÊS PATETAS SURDOS*****THE MARKS OF HETEROGLOSSIA IN DEAF COMIC BOOK LITERATURE: AN
ANALYSIS OF THE WORK *TRÊS PATETAS SURDOS*****LAS MARCAS DE LA HETOROGLOSIA EN LA LITERATURA SORDA EN LA
TIRA CÓMICA: UN ANÁLISIS DE LA OBRA *TRÊS PATETAS SURDOS***

Dra. Francyllayans Karla da Silva Fernandes
<https://orcid.org/0000-0002-9690-464X>
<https://lattes.cnpq.br/9353397533030379>
francyllayans.karla@academico.ufpb.br

Dra. Edneia de Oliveira Alves
<https://orcid.org/0000-0001-6645-1419>
<http://lattes.cnpq.br/1790450745732583>
edneiaalvesufpb@gmail.com

Dr. Manassés Morais Xavier
<https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>
<http://lattes.cnpq.br/7230669265797896>
manassesmxavier@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre a heteroglossia a partir da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), de Bakhtin e o Círculo, enfatizando a existência da heteroglossia na Literatura Surda em Quadrinhos e sua relação com a subjetividade do sujeito surdo. Considerando que a linguagem é essencialmente social e ideologicamente marcada, Bakhtin/Volóchinov (2006) propõe que os enunciados são sempre plurais e dialogam com múltiplas vozes e perspectivas. Assim, heteroglossia se manifesta como um fenômeno discursivo que emerge da interação entre diferentes sujeitos, temporalidades e ideologias. Por meio de uma abordagem interpretativa de natureza qualitativa (Minayo, 2001 e Strauss; Corbin, 2002), analisou-se a presença da multiplicidade de vozes na obra *Três Patetas Surdos*. Como resultado, destaca-se que a heteroglossia manifestou-se em diversos trechos da obra, revelando as muitas vozes pelas quais o autor e os personagens são permeados dentro de suas relações dialógicas na Literatura Surda em quadrinhos. Sendo assim, entendemos que, sob a ótica bakhtiniana, a heteroglossia é condição inerente ao funcionamento da linguagem e que também pode estar presente nas produções literárias de autoria surda.

Palavras-chaves: literatura surda; quadrinhos; verbo-visualidade; heteroglossia.

ABSTRACT

This article aims to present a discussion on heteroglossia from the perspective of Bakhtin and the Circle's Dialogic Theory of Language (DTL), emphasizing the existence of heteroglossia in Deaf Literature in Comics and its relationship with the subjectivity of the deaf subject. Considering that language is essentially social and ideologically marked, Bakhtin (2006) argues that utterances are always plural and interact with multiple voices and perspectives. Thus, heteroglossia emerges as a discursive phenomenon resulting from the interaction among different subjects, temporalities and ideologies. Through a qualitative interpretative approach (Minayo, 2001 e Strauss; Corbin, 2002) this study analyzes the multiplicity of voices in the work *Três Patetas Surdos* by **Lucas Ramon**. The results show that heteroglossia manifests itself in various excerpts, showing the many voices that permeate both the author and the characters within their dialogical relations in Deaf Literature in Comics. By the way, we comprehend that **heteroglossia** is the inherent condition to language functioning and can be present in literature productions by deaf author.

Keywords: deaf literature; comics; visual-word; heteroglossia.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar una discusión sobre la heteroglosia a partir de la Teoría Dialógica del Lenguaje (TDL), de Bajtín y el Círculo, enfatizando la existencia de la heteroglosia en la Literatura Sorda en la tira cómica y su relación con la subjetividad del sujeto sordo. Considerando que el lenguaje es esencialmente social e ideológicamente marcado, Bajtín/Volóchinov (2006) proponen que los enunciados son siempre plurales y dialogan con múltiples voces y perspectivas. Así, la heteroglosia se manifiesta como un fenómeno discursivo que surge de la interacción entre diferentes sujetos, temporalidades e ideologías. Mediante un enfoque interpretativo de naturaleza cualitativa (Minayo, 2001 e Strauss; Corbin, 2002), se analizó la presencia de la multiplicidad de voces en la obra *Três Patetas Surdos*. Como resultado, se destaca que la heteroglosia se manifestó en varios pasajes de la obra, revelando las muchas voces por las que el autor y los personajes están impregnados dentro de sus relaciones dialógicas en la literatura sorda en la tira cómica. Por lo tanto, entendemos que, desde la perspectiva bakhtiniana, la heteroglosia es una condición inherente al funcionamiento del lenguaje y que también puede estar presente en las producciones literarias de autores sordos.

Palabras clave: literatura sorda; tira cómica; verbo-visualidad; heteroglosia.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, na qual investigou-se os fundamentos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), de Bakhtin e o Círculo, e sua relação com os fenômenos da heteroglossia e as marcas de subjetividade do autor surdo. Um dos objetivos deste estudo foi compreender a heteroglossia não apenas como uma característica lexical da língua, como um efeito discursivo que decorre da interação dialógica formada por múltiplas vozes.

A pesquisa adota abordagem interpretativa e qualitativa (Minayo, 2001 e Strauss; Corbin, 2002), com análise textual-discursiva e verbo-visual de natureza bakhtiniana, centrada na identificação das marcas de heteroglossia no *corpus*. O estudo pauta-se na leitura analítica

da obra *Três Patetas Surdos* e no diálogo com referenciais teóricos da filosofia da linguagem. A análise da presença da heteroglossia foi abordada a partir dos conceitos bakhtinianos, realçando como a pluralidade de sentidos emerge no processo comunicativo e na recepção dos discursos dentro da Literatura Surda.

Oliveira e Torga (2019) destacam que os sentidos de um enunciado não são estáticos ou autônomos, mas são construídos em situações concretas de comunicação e permeados por relações dialógicas. Nas narrativas em quadrinhos, é possível observar esse atravessamento do sentido pelo contexto em que a contação se desdobra, não só pelos elementos da língua escrita, mas por todos os elementos culturais e verbo-visuais.

Lins (2008) pontua que a interação entre os elementos visuais e linguísticos é fundamental, pois o código visual pode preencher eventuais falhas deixadas pelo código verbal, e vice-versa. Assim, ao analisar diálogos, é possível encontrar explicações para os fenômenos observados ao considerar pistas de ambos os códigos presentes nos textos.

O envolvimento entre o verbal e o visual, carregados da mesma força e importância e, segundo Brait (2013), a linguagem visual e verbal ocupam papel constitutivo nos efeitos e na produção de sentido, por isso são indissociáveis, tornando-os uno. Assim, sendo o verbal e o visual marca indiscutível das narrativas em quadrinhos, é possível transita com ainda mais fluidez entre os discursos, propondo sentidos que são atravessados pelo eu do autor, do personagem e do leitor, os quais recorrem às experiências dialógicas anteriores que lhes atravessaram e que influenciam em suas formas de interpretação.

Para Bakhtin/Volóchinov (2006), a linguagem é intrinsecamente dialógica e está sempre em constante resignificação, sendo assim todo enunciado é povoado por múltiplas vozes e intencionalidades, tornando a heteroglossia um fenômeno essencialmente interacional e ideológico. Desse modo, a heteroglossia revela características específicas de indivíduos ou grupos.

Este artigo apresenta um desdobramento de uma tese de doutorado, que teve como objetivo discutir a presença da subjetividade surda e dos conteúdos ideológicos expressos na obra *Três Patetas Surdos* (s.d.), do autor Lucas Ramon. Sendo assim, nosso objetivo com esse texto é destacar as marcas de heteroglossia na Literatura Surda Brasileira em quadrinhos *Três Patetas Surdos* (s.d.).

Desta forma, esta apresentação se restringe a tratar sobre a análise da presença da heteroglossia em uma narrativa em quadrinho intitulada *Três Patetas Surdos* (s.d.) de um autor surdo, estabelecendo relação entre a heteroglossia e as marcas de subjetividade do autor

presentes na Literatura Surda, cruzando os diferentes discursos, olhando os fenômenos verbais e não verbais e as teias de significados que essa relação dialógica nos apresenta.

BREVE CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE A CULTURA SURDA

Este bloco teórico tem como objetivo fundamentar a compreensão da cultura surda a partir da perspectiva socioantropológica, em contraposição às concepções clínicas da surdez. Nessa abordagem, os surdos são reconhecidos como sujeitos linguisticamente diferentes, pertencentes a uma comunidade linguística que compartilha experiências de visualidade fundamentais para a constituição dos sujeitos. Tal perspectiva contrasta com a visão clínica, centrada na deficiência e na normalização do sujeito surdo. Conforme argumenta Skliar (1998), “compreender a surdez como diferença significa reconhecer politicamente essa diferença” (Skliar, 1998, p. 45). Desse modo, a surdez passa a ser compreendida como uma identidade cultural e linguística, construída nas relações sociais, históricas e discursivas.

Durante longo período, a diferença linguística dos sujeitos surdos foi invisibilizada por práticas educacionais pautadas no oralismo, o que produziu barreiras à escolarização e à interação social. Nesse contexto, o oralismo funcionou como um projeto ideológico de normalização, buscando suprimir a diferença surda em favor de um ideal ouvinte, conforme problematiza Skliar (1998).

Vieira-Machado e Rodrigues (2022) recordam que a imposição do oralismo, que foi consolidada no Congresso de Milão de 1880 e proibiu o uso da língua de sinais e impôs a fala como caminho de integração, o que marcou, profundamente, a educação de surdos. Essa política de ouvintização representa, na prática, a sobreposição dos valores do ouvinte sobre os do surdo, instaurando uma ideologia dominante que nega o modo visual de significar o mundo.

O Decreto 5.626/2005 redefine esse lugar ao reconhecer a pessoa surda como aquela que compreende e interage com o mundo por meio da experiência visual e manifesta sua cultura pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa definição rompe com o modelo deficitário e valoriza a diferença como forma legítima de existência. Nessa perspectiva, a língua de sinais torna-se o principal marcador cultural, histórico e identitário da comunidade surda, sendo o eixo de constituição das subjetividades.

Em consonância com a crítica às práticas oralistas e aos seus efeitos ideológicos, Dorziat (2003) problematiza a própria nomeação dos sujeitos surdos. A autora aponta que o termo deficiente auditivo está associado a uma lógica da falta e da incapacidade, enquanto a

designação surdo remete a um sujeito cultural e político, historicamente situado e constituído por uma língua própria. Nessa direção:

o termo surdo é preferido pelos próprios surdos, que não querem ser identificados como deficientes, mas numa perspectiva sociocultural constituída por uma língua diferente, que propicia uma forma particular de apreensão e externalização do mundo. Consequentemente, constroem uma identidade com aquele que faz uso dessa língua (Dorziat apud Albres, 2010, p. 47).

Tal distinção evidencia a dimensão ideológica que sustenta a hegemonia ouvinte, responsável por reiteradas tentativas de normalização do corpo surdo e de invisibilização de sua experiência visual.

Os sujeitos surdos vivem em um contexto bilíngue e multicultural, transitando entre a língua de sinais e a língua majoritária oral-auditiva. Essa vivência híbrida produz identidades múltiplas e dinâmicas, marcadas pela visualidade. No corpus analisado, essa condição manifesta-se na articulação entre elementos visuais e verbais, bem como na alternância de códigos linguísticos, que evidenciam o trânsito do sujeito surdo entre diferentes esferas culturais. Segundo Karnopp (2008), a cultura surda expressa também o desejo de reconhecimento de tradições reprimidas e de reconstrução de histórias silenciadas, aspecto que se materializa nas narrativas examinadas ao inscrever a experiência surda como centro enunciativo.

Em suas interações, os surdos afirmam a diferença e criam espaços de resistência cultural, onde compartilham saberes, práticas e narrativas próprias. A cultura surda, portanto, não é homogênea nem universal, mas múltipla e atravessada por diversos contextos de vida (Karnopp, 2006; Bisol; Sperb, 2010). Essa multiplicidade desafia a ideologia dominante, que busca enquadrar a experiência surda nos moldes do sujeito ouvinte.

Assim, refletir sobre a cultura surda implica reconhecer as relações históricas de poder que buscaram silenciar esses sujeitos e impor um padrão de normalidade auditiva. Ao reafirmar a diferença linguística como valor e a língua de sinais como marca de pertencimento cultural, a comunidade surda ressignifica a ideologia dominante e reivindica seu lugar na produção de sentidos. Esses pressupostos teóricos orientam a análise do corpus, na medida em que permitem compreender como as narrativas examinadas mobilizam a visualidade, o bilinguismo e a construção identitária para tensionar discursos hegemônicos e inscrever a experiência surda como prática cultural e discursiva.

A HETEROGLOSSIA NO PENSAMENTO BAKHTINIANO: UM FENÔMENO DIALÓGICO

Embora a polifonia se refira principalmente à autonomia das vozes no texto literário, a heteroglossia abrange a diversidade de discursos sociais presentes na linguagem, refletindo sua natureza ideológica e histórica. Desse modo, para Bakhtin/Volóchinov (2006), a linguagem é intrinsecamente dialógica e está sempre em constante ressignificação. Diferente da visão estruturalista, que analisa a polissemia como uma propriedade estável do signo linguístico, a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, propõe que o significado emerge das relações sociais e dos embates ideológicos presentes na comunicação. Como apontam Campos, Souza e Stieg (2011), a abordagem bakhtiniana acentua que o sentido das palavras é sempre negociado no ato da enunciação, sendo determinado pelas interações entre diferentes vozes e contextos.

Na perspectiva dialógica, a heteroglossia não é uma característica estática da língua, mas um fenômeno discursivo que reflete a multiplicidade de perspectivas que coexistem no discurso. O diálogo nas obras se constrói pela convivência de vozes que brotam de distintas experiências e lugares de enunciação, expressando modos plurais de perceber o eu em relação ao outro.

A heteroglossia designa a dimensão plural e diversa da linguagem, vinculando-se a uma perspectiva que compreende as práticas sociais de linguagem como fenômenos dialógicos por natureza. Nessa compreensão, os enunciados são atravessados por vozes socialmente situadas e valoradas, portadoras de um “sabor ideológico”, uma vez que a palavra se constitui nas relações sociais e nas condições concretas de interação.

De acordo com Stella (2005, p. 178), “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”. Assim, as vozes que constituem o dizer articulam posicionamentos e modos de ler o mundo, refletindo e refratando as relações sociais e ideológicas em que se inscrevem.

O termo heteroglossia dialogizada refere-se à compreensão de que os enunciados são constituídos por um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais em constante interação, produzidos em situações concretas de comunicação. Essa concepção entende a linguagem como essencialmente relacional e histórica, na qual todo dizer se constrói em resposta a outros dizeres e antecipa réplicas possíveis.

Conforme sintetiza Faraco (2005, p. 219), trata-se de “um conjunto de múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais e [...] o contínuo processo de encontros e desencontros,

de aceitação e recusa, de absorção e transmutação das vozes sociais – fenômeno que ele [Bakhtin] designa de heteroglossia dialogizada”. Assim, esse conceito permite compreender a produção de sentidos como resultado de trocas ativas de conhecimentos mediadas pelas linguagens, incluindo a Libras, cujas construções enunciativas verbo-visuais materializam vozes, posicionamentos e experiências socialmente situadas.

À luz das contribuições do Círculo de Bakhtin, a linguagem é compreendida como prática social e interativa, inseparável das condições concretas de produção discursiva. Essa perspectiva é central para a análise proposta neste artigo, uma vez que permite compreender as narrativas verbo-visuais em Libras como enunciados historicamente situados, atravessados por múltiplas vozes e posicionamentos ideológicos. Nessa abordagem, os sentidos não preexistem à linguagem, mas se constroem na interação viva entre interlocutores singulares, em consonância com as experiências sociais e culturais que os constituem (Nascimento, 2013).

Como aponta Grillo (2012), os enunciados verbo-visuais e multimodais também são atravessados pela dinâmica dialógica, o que evidencia que a heteroglossia não se restringe ao nível verbal, mas se estende a diferentes formas de expressão. Essa compreensão fundamenta a análise da obra em quadrinhos e da Literatura Surda, uma vez que essas produções articulam simultaneamente elementos visuais, gestuais e verbais na construção dos sentidos. Assim, os quadrinhos analisados configuram-se como espaços de diálogo entre múltiplas vozes sociais e ideológicas, nas quais a visualidade e a materialidade verbo-visual da Libras desempenham papel central na produção de significados e na afirmação de experiências culturais surdas.

Para Bakhtin/Volóchinov (2006), a heteroglossia diz respeito à independência das vozes discursivas em um texto literário. Diferente do modelo tradicional, a narrativa que apresenta marcas desse fenômeno permite que os personagens expressem suas ideias sem serem reduzidos ou absorvidos pela perspectiva do autor. Para Bakhtin (1998), a literatura é essencialmente plurivocal, uma vez que o diálogo entre as vozes confere à obra um caráter polifônico, no qual as consciências das personagens coexistem de forma autônoma e não subordinada à do autor (Fernandes, 2024 – no prelo). Nessa perspectiva, o discurso polifônico não impõe uma verdade única, mas possibilita a convivência de diferentes pontos de vista em um mesmo espaço discursivo, garantindo que cada personagem mantenha sua autonomia ideológica e discursiva e evitando a construção de uma narrativa unificada e fechada.

A heteroglossia está diretamente ligada ao conceito de dialogismo, outro princípio fundamental da teoria bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2011), toda palavra tem papel ideológico, com significados que são constituídos socialmente, isto é, a palavra é carregada pelo sentido e pelo conteúdo. Um enunciado nunca é isolado, mas se constitui em relação com

outros enunciados e discursos anteriores. Essa característica ressalta a interdependência das vozes dentro de um discurso, tornando a literatura um espaço dinâmico de construção de significados.

Grillo (2012) reforça esse ponto ao afirmar que a abordagem bakhtiniana rejeita uma visão estática da linguagem, enfatizando que a heteroglossia representa a coexistência de múltiplas vozes e reflete a riqueza e a intrincada teia de vivências que compõem a literatura e a expressão humana. Assim, a heteroglossia não apenas descreve a coexistência de múltiplas vozes em um texto literário, mas também reflete a multiplicidade de vozes que compõem o discurso humano em diferentes contextos sociais.

A noção de heteroglossia tem implicações profundas para a análise do discurso, pois evidencia a impossibilidade de um dizer neutro ou isolado. Nessa perspectiva, os enunciados se constituem como espaços atravessados por vozes diversas, em permanente tensão e deslocamento. Segundo Faraco (2005, p. 40–41), trata-se de

[...] um complexo jogo de deslocamento envolvendo as línguas sociais, pelo qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção do todo artístico a uma certa voz [...] a voz criativa do autor-criador que tem que ser sempre uma segunda voz [...], deixando-se vagar livremente pela heteroglossia.

Desse modo, todo discurso revela-se ideologicamente marcado, constituindo-se como um espaço de disputa, negociação e ressignificação contínua dos sentidos.

Além disso, a heteroglossia manifesta-se em diferentes esferas discursivas, abrangendo produções literárias, práticas comunicativas cotidianas, midiáticas e políticas. No contexto deste artigo, essa multiplicidade de vozes é particularmente relevante para a análise da obra em quadrinhos da Literatura Surda, uma vez que tais produções articulam visualidade, linguagem verbal e língua de sinais na construção dos sentidos. Desse modo, os quadrinhos analisados configuram-se como espaços privilegiados de negociação discursiva, nos quais diferentes vozes sociais e ideológicas entram em diálogo, aspecto que fundamenta a análise desenvolvida na seção seguinte.

AS MARCAS DE HETEROGLOSSIA NA OBRA *TRÊS PATETAS SURDOS*

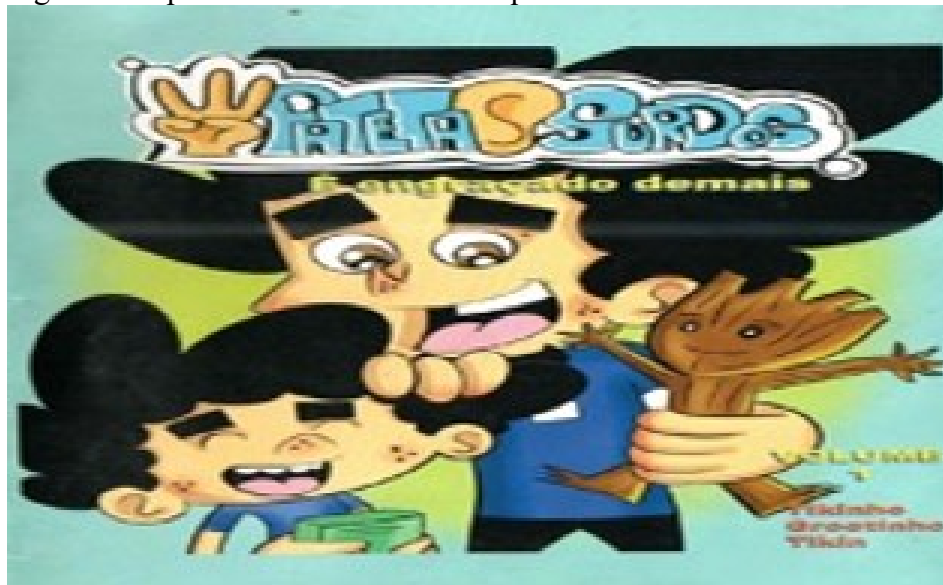
A partir dos estudos de Bakhtin e o Círculo, compreendemos que a heteroglossia não é um desvio ou uma imperfeição da comunicação, mas um traço constitutivo da interação discursiva. A abordagem bakhtiniana revela que a heteroglossia é um fenômeno inerente à

linguagem, manifestando-se nas relações sociais e nas diferentes posições valorativas dos sujeitos, o que torna essencial considerar o contexto histórico, social e ideológico na produção e interpretação dos sentidos.

O conceito de heteroglossia, conforme proposto por Bakhtin/Volóchinov (2006), refere-se à presença de múltiplas vozes em um mesmo discurso. Na obra *Três Patetas Surdos* (s.d.), de Lucas Ramon, essa heteroglossia manifesta-se de forma evidente na materialidade verbo-visual da narrativa, especialmente na justaposição entre imagens, expressões faciais, sinais em Libras e enunciados escritos em língua portuguesa, que se tornam indissociáveis para a construção de sentido. Tais recursos constroem um espaço dialógico no qual se confrontam o eu surdo e o eu ouvinte, seja pela oposição entre perspectivas visuais e oral-auditivas, seja pela representação de conflitos comunicativos e culturais vivenciados pelos personagens.

Na capa, há três personagens principais Tikinho, Tikin e Grootinho, conforme figura 1, contudo, a obra é constituída ainda por outros personagens, como a mãe, os amigos e o barbeiro de Tikin, além da inserção de personagens da Marvel, exceto a mulher maravilha. Os personagens da Marvel, que são originalmente masculinos, são apresentados em forma feminina pois todas são super-heroínas. Na capa, encontra-se o título na modalidade escrita da Língua Portuguesa, tem o desenho do sinal número três em Libras e o desenho de uma orelha, o S, para pluralizar a palavra “pateta”, que está representada dentro da orelha.

Figura 1: Capa da Literatura surda em quadrinhos: *Três Patetas Surdos*



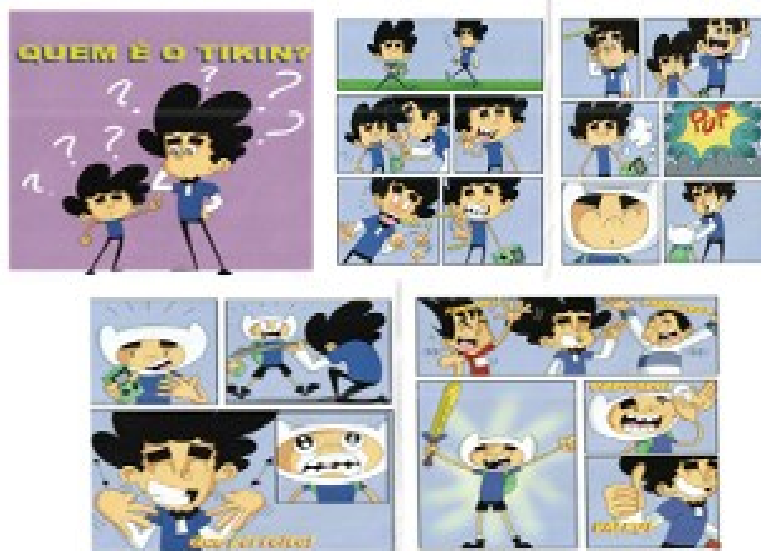
Fonte: Ramon (s.d.)

A obra reúne quatro narrativas independentes, cada uma marcada por valores e atos culturais específicos. Em cada enredo, a escolha e a recorrência das cores funcionam como recurso expressivo que contribui para a construção de sentidos e para a orientação valorativa da narrativa. Tonalidades mais intensas e contrastantes, por exemplo, são mobilizadas em situações de tensão comunicativa entre personagens surdos e ouvintes, enquanto cores mais suaves aparecem associadas a momentos de reconhecimento, pertencimento e identificação cultural. Desse modo, o uso cromático não se configura como elemento meramente estético, mas como parte da materialidade verbo-visual que expressa a subjetividade do autor e sua perspectiva axiológica no interior de cada contexto narrativo.

A obra possui as narrativas: - “Quem é o Tikin?”; - “Feliz dia da mãe?”; - “Tikinho cortou o cabelo dele!” e - “Tikinho apaixonou é quem?”. A narrativa 1 (“Quem é o Tikin?”) conta a história de Tikin e o seu encontro com um personagem adolescente chamado de Tikinho, cujas características são bem semelhantes a de Tikin, o que faz com que ele busque inserir um capacete nele para os diferenciar.

A busca por essa diferenciação pode ser interpretada como o fazer com que esse sujeito passe a usar uma outra língua, ou seja, deixe de ser um sujeito sinalizante ou que simplesmente minimize as semelhanças físicas entre eles. Nesse cenário, as vozes do surdo e do ouvinte se colocam em relação de contraponto: a voz do surdo emerge tensionando a voz do ouvinte, cuja base discursiva está ancorada em processos de normalização do sujeito surdo. Trata-se, portanto, de uma esfera discursiva marcada pela coexistência e pelo confronto entre esses dois discursos, dinâmica que se mantém, como se observa na figura 2.

Figura 2: Trechos da obra com marcas de heteroglossia



Fonte: Ramon (s.d.)

Segundo Fernandes (2024 - no prelo), a interação entre Tikinho e Tikin, por exemplo, revela um embate entre diferentes compreensões sobre a surdez e a identidade surda, evidenciado pela cena em que Tikinho coloca um capacete com orelhas em Tikin, marcando um deslocamento simbólico e ideológico sobre a percepção da surdez, vinculando a concepção de surdez à falha pela ausência da audição. Nota-se, assim, a ocorrência da heteroglossia, no sentido de que a heteroglossia é a coexistência de vozes que envolve a coexistência de diferentes valorações, ou seja, diferentes formas de ver e significar o mundo.

Ainda sobre a figura 02, a heteroglossia habita nas múltiplas vozes em um mesmo discurso e é essa disputa de sentidos acerca da surdez que nos faz perceber que Tikin manifesta, inicialmente insatisfação ao receber o capacete, mas depois se sente validado ao receber o apoio dos outros que são ouvintes, ocorre aqui não apenas uma disputa de vozes, mas uma embate de valores. Esse movimento demonstra como as vozes sociais interferem na construção da identidade surda, reforçando a ideia de que o significado de um enunciado nunca é individual, mas resulta do embate entre diferentes vozes e ideologias (Grillo, 2012).

Esse embate entre as vozes dos surdos revela, também, o que Bakhtin (2011) denomina valoração, isto é, a carga de valores sociais e ideológicos que permeia todo enunciado. Cada discurso traz em si uma posição diante do mundo, marcada por juízos e experiências sociais específicas. Assim, as vozes em conflito na narrativa não expressam apenas diferenças linguísticas, mas modos distintos de valorizar a realidade, tornando o texto um espaço de confronto entre visões de mundo que coexistem e se tensionam.

A narrativa também apresenta um intenso diálogo entre diferentes sistemas semióticos (Língua Portuguesa, Libras e elementos imagéticos) que contribuem para a construção da heteroglossia no discurso, conforme a figura 3.

Figura 3: Trechos da obra com verbo-visualidade



Fonte: Ramon (s.d.)

De acordo com o recorte da obra apresentado na Figura 3, observa-se a presença da verbo-visualidade, a partir da concepção teórica de Brait (2009; 2013), que compreende textos constituídos pela articulação indissociável entre o verbal e o não verbal. Nessa perspectiva, “tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e consequente atuação conjunta” (Brait, 1996, p. 65–66). Na Figura 3, o autor mobiliza a Língua Portuguesa na modalidade escrita, funcionando como uma espécie de legenda, a Língua de Sinais em sua modalidade sinalizada e recursos visuais diversos, os quais se fundem na construção dos sentidos da narrativa, evidenciando a unidade verbo-visual do enunciado.

Fernandes (2024 – No prelo) ressalta que o uso simultâneo dessas linguagens amplia a possibilidade de interpretação do enunciado, permitindo que diferentes leitores (surdos e ouvintes) tenham acesso às múltiplas camadas de significado. Nessa direção, Carmo (2022) afirma que a heteroglossia diz respeito à presença concomitante de diversas vozes e linguagens sociais em um mesmo texto, o que reforça o caráter dialógico da produção de sentidos.

A inserção do personagem Grootinho, oriundo do universo da Marvel, levando flores para a mãe de Tikinho, pode ser interpretada como manifestação dessa multiplicidade de vozes. Ao escolher presentear a mãe de Tikinho no contexto do Dia das Mães, o personagem exerce liberdade enunciativa e simbólica na construção da materna, deslocando sentidos e valores culturalmente compartilhados. Nessa mesma perspectiva, as reações emocionais da mãe de Tikinho e do próprio Tikinho também se configuram como vozes que se posicionam axiologicamente na narrativa. Observa-se, assim, na narrativa 2, a coexistência de múltiplas vozes que não se subordinam à voz do autor, mas dialogam entre si e se inscrevem ideologicamente no tecido discursivo da obra.

A interseção entre texto, imagem e sinais visuais intensifica a heteroglossia da obra, pois cada elemento carrega uma voz própria que dialoga com as demais. De acordo

Bakhtin/Volóchinov (2006, p. 37), "a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social", e, na obra analisada, essa relação se dá não apenas pelo verbal, mas também no visual e pelo gestual, reforçando a linguagem como um fenômeno social e interativo.

A produção evidencia, ainda, a pluralidade de experiências e vozes existente dentro da própria comunidade surda. Fernandes (2024 - no prelo) aponta que a representação dos personagens evidencia diferentes trajetórias e formas de lidar com a identidade surda, promovendo uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelos surdos em uma sociedade predominantemente ouvinte.

Além disso, a narrativa resgata elementos da cultura surda por meio de referências à Língua de Sinais e às práticas ao cotidianas da comunidade surdo, conferindo visibilidade a uma perspectiva muitas vezes marginalizada na literatura hegemônica. Esse movimento dialoga com o conceito bakhtiniano de dialogismo, entendido como a interação contínua entre diferentes discursos, processo que contribui para a ressignificação das identidades e das experiências sociais dos sujeitos.

Na narrativa 3, que retrata a ida de Tikinho ao barbeiro, a Libras não é mobilizada, ~~aparece~~, conforme exposto na figura 4.

Figura 4: Recorte da narrativa 3- "Tikinho cortou o cabelo dele!"



Fonte: Ramon (s.d.)

Não fica claro na narrativa se o barbeiro é surdo ou ouvinte, tampouco se ele possui conhecimento de Libras. Essa indeterminação reforça, mais uma vez, a liberdade enunciativa e a multiplicidade de vozes dos personagens que atravessam a obra, dado que a comunicação entre o barbeiro e Tikinho ocorre sem que haja a troca de qualquer palavra na língua oral ou sinais da Libras. Mesmo sendo o autor surdo e podendo explorar amplamente a Libras, a opção

por essa escolha narrativa evidencia a autonomia das vozes e a marcação de sentidos atravessados por construções ideológicas compartilhadas socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo indicam que a heteroglossia está longe de ser um fenômeno isolado da linguagem, é um aspecto fundamental da interação discursiva, pois reflete as diversas posições ideológicas dos sujeitos falantes. Dessa forma, compreender a heteroglossia sob a ótica bakhtiniana amplia, portanto, a percepção acerca da complexidade da linguagem e de sua intrínseca dimensão social.

Neste artigo, buscou-se analisar, à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), de que modo ~~e como~~ a heteroglossia se manifesta nas produções discursivas do *corpus* estudado. Com base em Bakhtin, compreende-se que a heteroglossia é um fenômeno discursivo resultante da interação entre múltiplas vozes ideológicas e contextuais. Diferentemente de uma simples ambiguidade lexical, trata-se de um traço inerente à linguagem, que possibilita novas possibilidades de significação que emergem do diálogo e do embate entre diferentes discursos.

O conceito de heteroglossia formulado por Bakhtin rompe com a noção tradicional de discurso unívoco, destacando a coexistência de múltiplas vozes e perspectivas em um mesmo enunciado. Essa abordagem não apenas transforma a maneira como interpretamos os textos literários, mas também fornece um arcabouço teórico essencial para a análise dos discursos em diferentes contextos. Ao enfatizar a natureza dialógica da linguagem, a teoria bakhtiniana convida à compreensão dos significados como construções dinâmicas, produzidas nas interações discursivas historicamente situadas.

A análise da obra *Três Patetas Surdos*, à luz do conceito de heteroglossia, evidencia como diferentes vozes interagem para construir um discurso plural e dialógico. Seja por meio da interação entre os personagens, do uso simultâneo de diferentes linguagens ou da representação da diversidade dentro da comunidade surda, a narrativa se configura como um espaço de múltiplos significados, onde a identidade surda é negociada e ressignificada a partir do embate entre diferentes vozes.

Nesse sentido, a obra de Lucas Ramon não apenas reflete a complexidade da experiência surda e o movimento político do discurso de um grupo de sujeitos, mas também contribui para a valorização e ampliação do repertório literário da comunidade surda, promovendo um espaço de diálogo e reconhecimento dentro da literatura surda brasileira.

Portanto, reconhece-se como uma das limitações desta pesquisa ~~está~~ a ~~na~~ necessidade de aprofundar a análise empírica sobre a heteroglossia em contextos comunicativos específicos. Para estudos futuros, sugere-se a aplicação dos conceitos discutidos em análises de discursos políticos, educacionais e midiáticos, a fim de compreender como a heteroglossia opera na produção e na recepção dos sentidos na sociedade contemporânea. Assim, a heteroglossia, enquanto condição constitutiva da linguagem, revela-se também como espaço de resistência cultural e de afirmação identitária na literatura surda em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. de A. **Surdos & Inclusão Educacional**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998, p.13-70.

BAKHTIN, M; VOLÓCHINOV, V. N. Estudo das ideologias e filosofia da Linguagem. *In*: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8a ed. São Paulo: HUCITEC, 2006, p. 31-38.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BISOL, C.; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, n. 26, v. 1, p. 7-13, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: UNICAMP, 1996.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1, set. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>. Acesso em: 11 jul. 2025.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-65, 2013.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: MEC, 2005

CAMPOS, D.; SOUZA, N. B.; STIEG, V. Dialogismo e Polifonia. Pró-Discente: **Caderno de Prod. Acad.-Cient.** Progr. Pós-Grad. Educação Vitória. v. 17 n. 1 Jan./Jun. 2011.

CARMO, M. J. Heteroglossia. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, Siani G. C. (Orgs.). **Diálogos em Verbetes.** Coletânea Verbetes. noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João, 2022.

DORZIAT, A. Deficiente Auditivo e Surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes dos termos. **Associação de surdos do Porto.** 2003. Disponível em: <http://www.asurdosporto.org.pt/artigo.asp?idartigo=78>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-62.

FERNANDES, F. K. S. **Literaturas surdas em quadrinhos:** um olhar sobre a subjetividade na perspectiva bakhtiniana. 2024. 121f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024 (No prelo).

GRILLO, S. V. C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 235–246, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912>. Acesso em: 26 set. 2025.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 98- 109, 2008. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10162>. Acesso em: 11 out. 2025.

KARNOPP, L. B. Literatura, letramento e práticas educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4856336>. Acesso em: 11 out. 2025.

LINS, M. P. P. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos.** Vitória: EDUFES, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 18a ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, M. V. B. **Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais.** TradTerm, São Paulo, v. 21, p. 213 – 236, 2013.

OLIVEIRA. A. S. S.; TORGA. V. L. M. Concepções que dialogam além do círculo: linguagem, interação, enunciado concreto, gêneros discursivos. **Polifonia**, [S. l.], v. 26, n. 41, p. 27–45, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6224>. Acesso em: 2 set. 2025.

RAMON. L. A. L. **Os Três Patetas Surdos:** é engraçado demais. S.d. Cartun.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SKLIAR, Carlos. Bilinguismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 8, p. 44–57, maio/jun./jul./ago. 1998. Disponível em: <http://projetoledes.org/wp/wp-content/uploads/Carlos-Skliar-1998.pdf>. Acesso em: 04 out. 2025

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Bases de la investigación cualitativa. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquía, 2002. Disponível em: <https://diversidadlocal.files.wordpress.com/2012/09/bases-investigacion-cualitativa.pdf>. Acesso em: 03 out. 2025.

VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; RODRIGUES, J. R. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880). **Revista Brasileira de História da Educação**, 22(1), e202. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e202>. Acesso em: 13 jul. 2025

Submetido em: 04/12/2025

Aceito em: 27/12/2025